

***Terra Nova* de Anthony De Sá: Um Romance de Histórias**

Maria Tereza Amodeo

Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul

Resumo. O artigo propõe analisar o romance *Terra Nova*, de Anthony De Sá, autor canadense, descendente de portugueses, tendo por foco os “paradoxos da imigração”, na expressão de Albert Braz, especialmente no que diz respeito à forma particular como a narrativa trata temas relacionados ao universo das grandes cidades, mais especificamente alcoolismo, racismo, violência doméstica e urbana, mostrando indivíduos marcados por seu contexto cultural e sua própria história familiar/individual, que se inicia em Lomba da Maia, freguesia rural de Ribeira Grande, municipalidade da ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores e termina na já crescente, promissora, multicultural e urbanizada Toronto, da década de 1970. Imagens, metáforas e outros recursos literários, recorrentes na obra de De Sá, são aqui abordados, pois contribuem para sugerir sentidos à trajetória dos dois protagonistas da narrativa – Manuel e Antônio –, que vão muito além dos fatos narrados.

Palavras-chave: diáspora portuguesa, *Terra Nova*, história familiar

Abstract. The article intends to analyze the novel, *Terra Nova*, by Anthony De Sá, a Canadian author of Portuguese descent, with a focus on “paradoxes of immigration”, in the words of Albert Braz. The analysis pays particular attention to the manner in which the narrative addresses social issues related to the population of large cities, specifically alcoholism, racism, domestic and urban violence, while showing how individuals are affected by their cultural context and individual and family history. For the main characters, this history begins in Lomba da Maia, a rural town of Ribeira Grande, a municipality of the island São Miguel, in the Azores and ends in the already growing, promising, multicultural and urbanized Toronto of the 1970s. Images, metaphors, and other literary devices, present in the novel, are analyzed as they contribute in the trajectory of the two protagonists of the story – Manuel and Antonio – which go far beyond the facts narrated.

Keywords: Portuguese diapora, *Terra Nova*, family history, Canada

A emigração portuguesa para o Canadá tornou-se expressiva entre as décadas de 50 e 60 do século XX, reduzindo-se a partir de então¹. Assim, o tema da diáspora portuguesa na literatura canadense contemporânea tem sido abordado principalmente pelos descendentes de segunda geração, e embora sejam vários os escritores luso-canadenses (ver Viveiros), Anthony De Sá é um dos poucos publicados por uma grande editora². Conforme mostra Albert Braz, a obra de

De Sá tem provocado interessantes abordagens críticas, nem sempre uníssonas em relação à forma como trata o tema em questão. *Barnacle Love* – obra que se constitui o foco desta análise – que recebeu o título em português de *Terra Nova*, foi finalista do Scotiabank Giller Prize em 2008 e do Toronto Book Award em 2009, o que proporcionou maior visibilidade ao trabalho de De Sá.

A história de Manuel Antônio Rebelo – protagonista da narrativa – começa em Lomba da Maia, freguesia rural de Ribeira Grande, municipalidade da ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores e termina na já crescente, promissora, multicultural e urbanizada Toronto, da década de 1970. Assim, no início da história, onde predomina o contexto rural, é apresentado o cotidiano da família Rebelo, dirigida pela matriarca Maria Teresa. A mulher, que perdera o marido para o mar, vê-se diante do desafio de criar sozinha seus quatro filhos. Focalizam-se, assim, temas específicos desse contexto familiar e local, em que a igreja também tem papel preponderante. Da mesma forma, contribuindo para garantir a verossimilhança da obra, temas associados a alcoolismo, racismo, violência doméstica e urbana, dentre outros, são abordados na segunda parte da narrativa, que se desenrola principalmente em Toronto.

Sabe-se que a literatura contemporânea é pródiga em explorar tais temas, contudo a obra de De Sá se particulariza na forma como os associa, ao mesmo tempo discutindo, conforme expressão de Braz, os “paradoxos da imigração”, num contexto em que a força da palavra literária torna crível a narrativa, sem defender bandeiras ideológicas, mas mostrando indivíduos marcados por seu universo cultural e sua própria história familiar/individual. Imagens, metáforas e outros recursos literários, reincidentes na obra de De Sá, contribuem para sugerir sentidos ao universo dos dois protagonistas da narrativa – Manuel e Antônio –, que vão muito além dos fatos narrados.

Por uma *Terra Nova*

O romance é dividido em duas partes: *Terra Nova* (também no original em inglês) e *Pássaros Engaiolados Cantam* – que incluem cada uma cinco histórias, aparentemente independentes, que podem ser lidas como contos. Há elipses temporais entre alguns capítulos, que devem ser preenchidas pelo leitor, de modo a compor a sequência dos fatos.

Os episódios que integram a primeira das duas partes, narrados em 3ª pessoa³, constituem-se na reunião de histórias que contam as experiências do português Manuel Antônio Rebelo desde sua saída dos Açores, ainda muito jovem, sua chegada e a vida no Canadá – daí o título *Terra Nova* – incluindo o retorno à sua terra natal por ocasião da morte iminente e posterior funeral de sua mãe.

A segunda parte também traz histórias interligadas sobre a família Rebelo, contadas, então, pelo filho de Manuel, Antônio, que é testemunha da transformação que se opera no pai, conforme a vida transcorre. Por meio da voz de Antônio, o leitor passa a conhecer a família de Manuel – a de Lomba da Maia e a que constrói no Canadá. A família do Canadá, porque também ele, está

radicalmente ligada às experiências da infância, como se fossem, todos, “pássaros engaiolados”, que cantam, que vivem, conforme o título.

Apesar das similaridades entre autor e protagonista no que se refere à origem e ao nome, associadas ao relato em primeira pessoa – o que imprime um tom de veracidade ao relato – não se trata de uma narrativa autobiográfica. O próprio Anthony De Sá esclarece: “Eu só posso escrever sobre o que eu conheço, o que eu lembro, o que eu escutei e então dar um passo adiante”⁴ O *passo adiante* seria a criação literária, conforme acrescenta o autor na mesma entrevista: “dos *pedaços* de histórias ouvidas dos parentes, cria-se algo completamente novo”. Este *novo* é que se impõe como realidade ficcional, mas, ao mesmo tempo, dialoga com o real. São histórias ouvidas e recontadas por meio de uma estrutura e uma linguagem poética traduzida em prosa que, ao mesmo tempo, universalizam a experiência portuguesa da diáspora e se individualizam, pela realidade ficcional.

O grande desafio que se impõe a este tipo de literatura, que vem marcada por uma experiência de realidade tão radical, tão sentida, é fazer literatura propriamente dita, *fazer arte*, e não depoimento, relato. E este desafio Anthony De Sá assume em *Terra Nova*, sem sentimentalismo, idealização ou ufanismo. Assim é que os elementos que compõem os sentidos da obra são sugeridos na forma como os episódios são narrados, nas projeções simbólicas possíveis de serem percebidas, nas nuances linguísticas; a começar pela epígrafe⁵ de James Baldwin usada para introduzir a primeira parte do livro, mas que dá pistas dos sentidos da obra na sua totalidade.

Conjugando afirmações a metáforas, a epígrafe provoca uma reflexão/sensação que instiga à leitura: “porque nada é estável para sempre e para sempre e para sempre, não é estável” (De Sá 11)⁶. A expressão “para sempre” – tão definitiva – é desestabilizada pela repetição e, posterior, negação. Essa ideia de instabilidade das coisas e das relações entre as pessoas é traduzida por meio da imagem: “a Terra está sempre a mover-se, a luz está a mudar, o mar não deixa de erodir a rocha” (11). E um desafio se impõe: “as gerações não deixam de nascer, e nós somos responsáveis perante elas porque somos as únicas testemunhas que têm”. Diante da adversidade, ou seja, quando “o mar encapela-se” e “a luz enfraquece”, os que se amam se “agarram” e as crianças dependem de “nós”, de todas as pessoas que testemunham e por isso, não podem se omitir. Todos são responsáveis, todos são parte do que acontece: “no momento em que deixamos de nos amparar uns aos outros, o mar engole-nos e a luz apaga-se” (11). O mais importante na existência é o vínculo que se estabelece entre as pessoas, que precisa ser construído e preservado, do contrário, o indivíduo pode se perder, pode ser engolfado pelo mar, pela dinâmica da vida.

Manuel deixa-se engolir pelo mar, pela dinâmica da *sua* vida, marcado que é por sua história familiar, pela crueldade e autoritarismo da mãe, e pelas opções que faz em busca do *seu lugar no mundo*, como ele próprio refere. Ele precisou se libertar do jugo materno e isso significa abandonar sua terra Natal:

Os Açores não tinham nada para lhe dar. A minúscula ilha de São Miguel era sufocante, perdida no meio do Atlântico. Percebera desde muito cedo que o mundo que a mãe criara para ele era demasiado pequeno, demasiado previsível. (15)

Ao mesmo tempo em que afirma que os Açores não podem lhe oferecer o que desejava, a ideia é diretamente relacionada às privações impostas pela mãe, àquilo que ela projetara para ele numa lógica perversa e sufocante, o que se relaciona ao conceito ampliado de mudança psíquica e de como ela acontece em três espaços: o espaço intrapsíquico (o mais privado), o espaço inter-subjetivo (das relações próximas) e o espaço social (aquele que diz respeito ao contexto sócio-cultural). Assim, nessa perspectiva, não existe separação entre sujeito e objeto, mas inter-relações, pois um sempre causa efeito no outro (Bianchedi)⁷, como se pretende explicitar a seguir.

—És o filho do teu pai. Ele vive em ti — dizia ela, num suspiro. —Possuis a sua grandeza. —Manuel sentia-lhe os seios comprimidos contra as costas, e o queixo duro a fincar-se-lhe na cabeça. —Sinto-o na doçura do teu bafo. (15)

A ligação incestuosa da mãe para com o filho pode ser, assim, percebida. Dentre todos os filhos, ela o elege como o substituto do pai; projeta nele toda a possibilidade de felicidade, a dela, que se realizaria através da dele: “Manuel viria a ser um homem importante, culto e respeitado na aldeia e para lá desta” (16). Seria “importante” *na aldeia*, isto é, dentro da *sua* jurisdição, sob o *seu* controle, *seu* olhar. Teria a melhor educação, “o que significava que os irmãos seriam obrigados a forrar as solas dos sapatos com barbas de milho para tapar os buracos e manter os pés secos” (16). Eles, no entanto, não o culpavam e foi por isso que Manuel “começou a se ressentir da crueldade da mãe”, pois ela era capaz de atos verdadeiramente bárbaros contra os irmãos ou contra qualquer pessoa que ousasse afastá-lo dela.

A reação de Manuel à punição que a mãe inflige sobre seu irmão menor por tê-la desobedecido, quebrando um cabo de vassoura nas costas do menino até fazê-lo sangrar, é indicativa da posição assumida por ele, ainda com doze anos. Manuel não diz nada, simplesmente pega o cabo e o atira para o outro lado da cozinha, quebrando tigelas de cerâmica; ela levanta a mão como se fosse golpeá-lo, mas o olhar firme do rapaz acaba por vencê-la. O silêncio, que aparece em muitos episódios, habilmente associado às expressões, às ações e reações dos personagens sugeridas pelos narradores, representa o não dito das emoções: é nesse momento que se estabelece o enfrentamento, que culminará na partida de Manuel aos vinte anos de idade. Ele vai construindo o seu afastamento, até que sabe “que estava na altura de o dizer à mãe”. O silêncio novamente é a resposta dela quando o filho informa que vai partir.

Ela continuou a pendurar a roupa no estendal . . . E antes de avisar que o jantar de Manuel estava quase pronto, ela só diz. —Pareces o teu pai. (19)

No desenrolar da narrativa, percebe-se que ele, de alguma forma, fica preso ao complexo edípico, à forma de sedução que a mãe exerce sobre ele, desenvolvendo culpa e ambivalência em relação a ela. No primeiro período em que vive no Canadá, quando é acolhido por Andrew e Pepsi⁸, escreve, de forma sistemática à mãe, dando e pedindo notícias, justificando-se, refletindo sobre a sua situação:

. . . não veja esta decisão que eu tomei como uma rejeição das promessas que viiu em mim. Trabalharei arduamente para lhe provar que elas ainda estão vivas dentro de mim, mais luminosas do que nunca. (43)

Movido por um *imperativo categórico*, conforme expressão de Kant⁹, ele *quer provar* à mãe e, por isso, parece ter vivido toda a sua existência: mostrar a ela que era capaz de vencer sozinho, longe da sua influência, longe, pois, de Lomba da Maia.

Agrega-se a isso, a experiência de abuso que viveu na igreja; tanto que, mais tarde, ao reconhecer o Padre Carlos (que era de Lomba da Maia e foi quem lhe infligiu o abuso) em evento religioso em St John's, fica tão perturbado que, sem se dar conta, denuncia a sua presença ilegal no país às autoridades canadenses. Na ocasião não hesita em fitá-lo ostensivamente; depois de ter a identidade do padre confirmada por Mateus, vai ao seu encontro e, desesperado, identifica-se: “– Sou o Manuel . . . Manuel Rebelo, da Lomba da Maia”(76). O clérigo faz um “chiu”, suplicante, ao que Manuel responde gritando: “– Eu era uma criança!” A cena que se segue é muito simbólica, pois, com a confusão, o padre tropeça e derruba a imagem de Nossa Senhora de Fátima:

A cabeça separa-se, inteira e rola pela nave, perseguindo Manuel. Ele fá-la parar com o pé. (. . .) Os olhos da santa fitam Manuel, mas ela não vê. Talvez agora ela chore . . . (76)

A santa, tão importante para os portugueses, é simplesmente decapitada, mesmo assim, persegue Manuel. E o que parecia ser uma obra do acaso ganha mais sentido pelo fato de ele segurar sua cabeça com o pé, numa atitude de aniquilamento da parte pensante, da parte que domina. Aniquila o seu poder, o poder da santa, da mãe santa e, por extensão da sua verdadeira mãe. E segue-se a canção que refere a alguém que “diz adeus ao mar”, que “sorri para o lugar onde” nasceu e roga: “não lamentem, não chorem – limitem-se a cantar pelo meu sonho e . . . a rezar por mim” (77). Não há continuidade desse episódio no capítulo seguinte – a ação é simplesmente suspensa – o que reforça a força dramática do texto e, portanto, poética.

Em especial na segunda parte do livro, os fatos mostram que ele não realizou o projeto da mãe de ser alguém importante, nem mesmo o dele, de fazê-lo

no lugar onde escolhera viver, o que, entretanto requer algumas considerações mais pontuais.

Lomba da Maia no Canadá

É possível identificar uma sobreposição simbólica muito particular na obra. Deixar Lomba da Maia significa para Manuel buscar novas oportunidades num país de muitas possibilidades como o Canadá – tanto que muitos de seus parentes o seguem e são bem sucedidos no país eleito – mas o desejo de se libertar da opressão materna constitui-se no grande motivo a impulsioná-lo e, paradoxalmente, o que o impede de sentir que poderia alcançar a realização pessoal. Entretanto, ele sai de Lomba da Maia, vai para o país que escolhe, casa-se com a mulher rejeitada pela mãe e, de uma forma ou de outra, leva a sua vida, mesmo carregando toda a sua experiência marcante dos primeiros tempos. Perturbado, crescentemente agressivo, dependente do álcool, não consegue se impor como individualidade e, por conseguinte, se firmar profissionalmente, o que cria instabilidade e insegurança também para a sua família (remetendo à epígrafe de Baldwin).

Logo que o navio aporta em St. John's, na Terra Nova, Canadá, Manuel vê a “cidade, organizada em quarteirões, salpicada de casas de madeira verdes, vermelhas e brancas” e percebe o quanto aquele lugar “era diferente do mundo *caiado*¹⁰ de onde ele vinha e, no momento em que seus pés tocaram o solo firme, soube que aquela era a terra prometida”(26).

Efetivamente, o percurso de Manuel é o de muitos portugueses de fora da ficção. E se as motivações dele são principalmente as de ordem pessoal, as suas experiências no Canadá protagonizam as de muitos portugueses diaspóricos no país. Sobre isso, Mateus, um português bem sucedido no Canadá que dá emprego a Manuel, diz:

–Nós não nascemos aqui, Manuel. Temos sempre de dar . . . mais – diz ele sem o mais leve tom de superioridade. (. . .) –Lembra-te disto, Manuel, eles ‘quase’ pensam que sou um deles. Mas nunca chegam a pensá-lo . . . pelo menos convictamente. (60)

As palavras de Mateus trazem à baila questões cruciais em relação às experiências dos imigrantes que se veem como indivíduos desterritorializados, que vivem num entre-lugar, na acepção de Homi Bhabha (1999), divididos entre a terra natal e a nova, entre o passado e o futuro, entre a assimilação e a resistência à própria. Mateus, com o seu negócio já bem estabelecido, presta serviços aos canadenses. Ele se deixa formar pelo país, mas, ao mesmo tempo, se impõe, é respeitado na sua individualidade étnica. É um homem forte: é um português na Terra Nova. É representativo daquilo que as políticas multiculturalistas do país concebem como imigrante-cidadão canadense, que tem respeitada a sua cultura, mas vive inserido no contexto do país de forma produtiva com normas sociais compartilhadas.

A forma como Manuel coloca em prática os conselhos do amigo é muito particular. Antônio, referindo-se ao outro novo negócio que o pai tenta implementar – REBOQUES MANUEL E FILHOS CO – comenta:

Aquela ia ser a nona tentativa de ‘vencer’, uma operação reboque. Antes desta tinha havido o negócio do queijo de cabra que ele montara com o primo, até não conseguirem encontrar um fornecedor (. . .) Tentara fazer da criação de pombos uma carreira (. . .) Tinha vendido porta a porta trens de cozinha antiaderente, depois aspiradores, até que se fixara em jogos de lençóis e colchas (. . .) Tivera um negócio de limpeza não legalizado (. . .). (130)

Nesse último também não obteve sucesso, porque ele usava produtos de limpeza que estampavam o nome do Hospital St. Michael, local onde trabalhava à época. A polícia descobriu, e ele acabou perdendo o emprego de supervisor que tinha no hospital; sendo o material confiscado, e encerrada a empreitada. Despreparo? Ingenuidade? Desonestidade? O fato é que Manuel não conseguiu ser, no Canadá, o homem respeitado que gostaria de ter sido, aquele que fora projetado pela mãe. Ele é inclusive motivo de chacota da vizinhança por conta da forma como exalta o Canadá.

Paradoxalmente, Manuel assumia ser cidadão canadense com orgulho e convicção, revelando sua afeição pelo país, porque, mesmo não se tornando o homem bem sucedido que gostaria de ter sido, aquele foi o país que o acolheu, que tornou possível o afastamento da terra natal, da mãe. Assim, o exagero que imprime nessa exaltação mais parece traduzir a rejeição à Lomba da Maia – melhor ainda, ao seu passado – do que o verdadeiro amor ao país.

Na segunda parte do livro, a narração de Antônio começa contando que o pai exigia que todos falassem inglês: “Nós está agora no Canadá. Nós fala canadiano neste país lindo com tantas coisas lindas”, costumava ele dizer”, referindo-se à língua inglesa como “canadiano” e cometendo erros elementares, o que, como se pode observar, imprime certo humor ao texto (123).

Em outro momento da narrativa, quando Georgina prepara Antônio para a catequese, Manuel por conta de sua rejeição à igreja, tem uma reação agressiva: bate o punho à mesa e, furioso, diz que não quer que seus “filhos andem a beijar o cu ao papa!”, acrescentando: “Ele é canadiano. Deixa as coisas portuguesas lá na terra, para morrerem com os velhos” (132). Ao mesmo tempo em que enaltece a pertença canadense, quer negar o vínculo com Portugal, referindo-se, mais precisamente, *aos velhos*, o que parece se referir à sua própria mãe e aos padres (considerando a experiência que vivera).

O Capítulo denominado “O Senhor Canadá”, da segunda parte do livro refere-se exatamente a esse Manuel adulto, que exalta o país com ufanismo. Ao longo de todo o Dia do Canadá, hasteia a bandeira, escuta e canta o hino oficial do país e bebe muito até ficar fora de si. Na ocasião, em resposta a um político à caça de votos, que afirma que “o Sr. Trudeau está a destruir o tecido . . .”, Manuel grita, exasperadamente, “fora” e acrescenta, conforme conta Antônio:

–Vinte e três anos eu vem Portugal. O seu sotaque ficava ainda mais marcado sob o efeito do álcool, fazendo-o engolir palavras. –Vem no Canadá sem tostão . . . meus pés é meus sapatos! Minhas mãos trabalha duro! Bateu no peito e ouvi o som oco, abafado. –Trudeau é o homem. Ele promete fazer as coisas fácil para vir minha família. Ele mantém promessa. (167)

A referência ao primeiro-ministro Pierre Elliot Trudeau diz respeito às primeiras medidas multiculturalistas por ele implementadas ainda nos anos 1970, que receberam muitas críticas daqueles que as consideravam apenas medidas eleitoreiras, conforme aponta o professor de Teoria da Constituição Stephen Tierney.

O percurso dessa política de governo ganha novo fôlego com o *Canadian Multiculturalism Act* de 1988. O relatório de Will Kymlicka de 2012, que faz um inventário sobre o multiculturalismo no mundo, explicita que a sua expressiva trajetória no Canadá é marcada por muitas realizações, críticas – idas e vindas, já que foi o primeiro país do Ocidente a implementar oficialmente a “política de multiculturalismo em direção a grupos étnicos de origem imigrante e continua a ser o único país em que o multiculturalismo está consagrado na Constituição”(10).

Desde o início até os dias atuais, tanto as práticas como os princípios multiculturalistas que as movem têm se desenvolvido, tomado rumos renovados, sempre sujeito a críticas como as que o escritor Neil Bissoondath apresenta em *Selling Illusions: the Cult of Multiculturalism in Canada*, de 1994, numa avaliação que faz dos primeiros tempos dessa política no Canadá. O autor aposta na ideia de uma nova definição de coesão social baseada em *normas sociais compartilhados*, e não nas diferenças étnicas.

Assim, a referência no romance de De Sá a um dado concreto do real contextualiza o tempo da narrativa literária exatamente no período em que o multiculturalismo começa a ser entendido como política de governo – o que contribui para o caráter verossímil da obra, na medida em que explicita o contexto que cerca os personagens, em especial os imigrantes que se estabelecem no país, movidos pelas políticas de incentivo à imigração, e que encontram toda a sorte de dificuldades para se adaptarem ao novo contexto.

Inserido nesse contexto sócio-econômico-cultural, Manuel tem motivações particulares para a mobilidade a que se impõe. Trata-se, pois, da projeção simbólica, referida anteriormente, que relaciona a saída de Lomba da Maia à saída de casa. Ao mesmo tempo em que rejeita a ingerência da mãe, o seu comportamento incestuoso, sente-se ligado a ela de forma atávica. Na linguagem psicanalítica, seria o que se denomina de *ideal de ego*¹¹. A sensação de fracasso – ratificada por Antônio – contribui para o insucesso profissional de Manuel. Parece nunca ser capaz de atingir o ideal proposto pela mãe, nem aquele que se espera de um imigrante – advindo, pois, da coletividade – porque Manuel, apesar de tudo, saiu de Lomba da Maia, afastou-se da mãe, casou-se com quem ele quis e viveu no Canadá, sendo o primeiro da família a encarar essa empreitada. Os outros integrantes da família o seguiram e a todos deu abrigo.

Entretanto, sabe-se que sua trajetória não foi tranquila. A compulsão¹² à repetição revela-se em vários momentos, evidenciando sua ligação com a figura materna. A exceção de Georgina, sua esposa, as outras mulheres de que se aproxima parecem repetir o comportamento da mãe.

No período em que vive junto a jovem Pepsi e seu pai Andrew, que o abrigam e lhe dão proteção quando chega ao Canadá ilegalmente, julga ter encontrado o *seu* lugar. Lá, distanciado, ao escrever cartas à mãe, consegue repensar a sua vida, a relação com ela, com a família. Feliz, escreve a mãe: “A terra nova é distante, e apesar de ter o mesmo cheiro da nossa terra, sinto que agora sou capaz de respirar” (43). As diferenças culturais não parecem relevantes, porque se sente amado, protegido, respeitado nessa nova família. Entretanto, quando fica sabendo por Andrew que a moça não enviara as cartas à sua mãe, por medo de perdê-lo, novamente o silêncio é a resposta para expressão das emoções; “Manuel fica sentado, mudo e atormentado. A porta fecha-se. Ele ouve a fechadura e o peso do seu próprio silêncio (. . .)” (57). Novamente a história se repete: sua trajetória é limitada pelas ações de uma mulher, que quer cercá-lo, limitá-lo; e novamente ele se afasta. Da mesma forma ocorre quando Sílvia, a sua pretendente portuguesa, que tenta (claro, orientada pela mãe de Manuel) retê-lo em Lomba da Maia, sob um pretexto qualquer. Ele desiste dela e pede Georgina em casamento.

Teresa, entretanto, não se contenta com essa decisão do filho e protagoniza uma das cenas mais fortes da narrativa em termos de densidade dramática: coloca, embaixo dos lençóis da cama de núpcias no lado esquerdo, o que cabia à noiva, “conchas esmagadas, lascas de vidro verde brilhantes e perceves” para dissuadir a noiva do casamento, na tentativa de manter o filho em Lomba da Maia. No entanto, Georgina, conta sua amiga Luísa, continua com a firme convicção de se casar com Manuel. Entrou na igreja e, novamente, estavam “todos em profundo silêncio”. Relata a amiga: “Foi só quando tu passaste que nós apercebemos das marcas de sangue através do vestido, grandes manchas vermelhas que cobriam as tuas costas e as pernas, e alastravam pelo cetim e pela renda” (119). A determinação de Georgina de entrar na igreja com vestido manchado de sangue – o que remete à ideia de castração – é explicada por ela à sua mãe. Quando essa lhe sugere que não precisa casar naquele momento, porque as coisas tinham mudado diante daquele episódio, a filha responde: “Não mudou nada (. . .) Eu nunca esquecerei”. Não mudara a sua decisão, mas, para sempre, a sua relação com a mãe dele. De certa forma, Georgina se associa a Manuel no que se refere ao sentimento de rejeição à mãe – o que os mantém unidos até o fim, sendo ela sempre sensível às limitações do marido; como pode ser observado no episódio em que conversa com Antônio:

–Eu sei que teu pai gosta de ti. Mas a vida não lhe deu exatamente o que ele esperava. O teu pai construiu grandes sonhos no Canadá. Aqueles que ele ajudou a vir para cá estão agora muito melhor de vida do que ele; os sonhos deles concretizaram-se. Para ele nada disso é fácil. Tenta compreender. (201)

Georgina se tornou a grande companheira de Manuel na jornada que ele realiza no Canadá, para a qual carrega toda a bagagem psíquica de projeções e limitações. Ela foi a mulher que ele escolheu diante da tentativa da mãe de novamente manipulá-lo. Georgina foi a sua única alternativa naquele contexto de normas rígidas, restritivas. Mas foi a escolha dele, não a da mãe.

Embora não tenha sido bem sucedido profissionalmente, Manuel foi, sim, capaz de deixar sua terra, sua família e, principalmente, sua mãe. Ele foi o habitante primevo da família em terras canadenses. Inaugurou a experiência de alteridade radical. Teve de trilhar seus próprios caminhos. Inicialmente foi recebido por Pepsi e Andrew e, depois, teve uma oportunidade de emprego, oferecida por Mateus, mas foram ambas conquistas dele: não contou com qualquer apoio pré-estabelecido. Pelo contrário: *ele* passou a ser o referente canadense para os parentes, tanto que os hospedava quando chegavam ao país. Conforme conta Antônio: “ficavam a viver conosco durante um curto espaço de tempo, ‘até se instalarem”, como a minha mãe costumava dizer (. . .). Ficavam todos sem pagar renda durante uns dois meses” na “grande casa na Palmerston Avenue” até que logo outro(s) parente(s) informava(m) a vinda próxima (143).

Assim, Manuel ousou, construiu uma vida no Canadá, mas, apesar de enaltecido o país e afirmar ter sido um vitorioso, pois chegou sem nada, não se reconhece como tal, ou não teria a trajetória profissional tão instável e nem se entregaria ao alcoolismo como forma de escape de suas aflições. Ele quis se libertar e conquistar o mesmo para seus irmãos. Assim o fez, inaugurando a história de migração da sua família e constituindo-se como indivíduo diaspórico, que enfrentou com coragem a alteridade radical, buscando a sua identidade, a despeito do que estava programado para ele. Entretanto, preso ao seu passado de restrições, abuso e opressão não atinge o reconhecimento social, pois ele mesmo não reconhece tudo o que superou.

Assim, Anthony De Sá constrói uma história sobre a diáspora portuguesa: Manuel protagoniza a luta por sua identidade, que “não constitui um porto seguro ao qual seria possível retornar, mas ela equivale antes a um barco que, tendo deixado o cais das certezas, engaja-se nas rotas das desleitura da insegurança, num processo de inacabamento promissor no espaço do Outro”, conforme Maria Bernadete Porto (92). Assim, a identidade de Manuel, também entendida como instância em contínua construção, organiza-se a partir de sua história pessoal, que inclui a sua história emocional, os embates a que se submete, as conquistas, experiências e desvãos dessa experiência de ser em outro lugar.

Notas

¹ Para detalhes sobre a emigração portuguesa para a América do Norte, ver Rocha-Trindade e Oliveira.

² Albert Braz comenta essa questão em seu artigo sobre a mesma obra de Anthony De Sá.

³ Aspecto que importante significado na continuidade da leitura, pois a segunda parte é narrada em primeira pessoa por Antônio, filho do protagonista da primeira parte.

⁴ Ver De Sa, Interview (tradução da autora).

⁵ “Porque nada é estável, para sempre e para sempre e para sempre, não é estável; a Terra está sempre a mover-se, a luz está sempre a mudar, o mar não deixa de erodir a rocha. As gerações não deixam de nascer, e nós somos responsáveis perante elas porque somos as únicas testemunhas que têm. O mar encapela-se, a luz enfraquece, os amantes agarram-se um ao outro e as crianças agarram-se a nós. No momento em que deixamos de nos amparar uns aos outros, o mar engole-nos e a luz apaga-se”(11).

⁶ Todas as citações da obra em questão referem-se à edição portuguesa de *Terra Nova*, publicada em 2009 pela Editora Dom Quixote.

⁷ Cabe esclarecer que, neste estudo, tomam-se emprestados alguns conceitos da Psicanálise, principalmente no que se refere ao modelo que parte do entendimento do complexo de Édipo em Freud e seus seguidores e outros conceitos, ampliados pela influência de alguns psicanalistas argentinos do período pós-ditadura, que tiveram a preocupação com os efeitos do contexto social nas transformações dos sujeitos. Essa abordagem, de caráter cultural, pode contribuir para análise aqui pretendida.

⁸ Quando o navio em que Manuel viaja rumo ao Canadá naufraga, ele é salvo por Andrew, que o leva para a sua casa, onde vive com Pepsi, sua filha, que acaba tendo um romance com Manuel.

⁹ “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal” (ver Kant).

¹⁰ Grifo meu.

¹¹ Segundo Laplanche e Pontalis, trata-se de uma “expressão utilizada por Freud no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico. Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se”(222).

¹² Segundo Laplanche e Pontalis, “Clinicamente falando, é o tipo de conduta que o sujeito é levado a realizar por uma imposição interna” (86).

Obras Citadas

- Bhabha, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999. Print.
- Bianchedi, Elisabeth. “Cambio Psíquico: el devenir de una indagacion”. *Revista de Psicoanálises de la Asociación Psicoanalítica Argentina*. 47 (1990): 10–25. Print.
- Bissoondath, Neil. *Selling Illusions: The Cult of Multiculturalism in Canada*. Toronto: Penguin Canada, 2002.
- Braz, Albert. “The Homeless Patriot: Anthony De Sá and the Paradoxes of Immigration”. *Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together*. Eds. Francisco Fagundes, Irene Maria F. Blayer, Teresa Alves, and Teresa Cid. New York, NY: Peter Lang Academic Publishing, 2011. 63–76. Print.
- De Sá, Anthony. *Terra Nova*. Alfragide: Dom Quixote, 2009. Print.
- De Sá, Anthony. Interview with Anthony De Sa, Author of *Barnacle Love*. Random House of Canada, 2008. Web.
- Kant, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. Guido Antonio de Almeida. São Paulo: Discurso Editorial, 2010.
- Kymlicka, Will. *Multiculturalism: Success, Failure, and the Future*. Migration Policy Institute, 2012. Web.
- Laplanche, Jean, and Jean-Bertrand Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Print.
- Oliveira, Manuel Armando. “Azorean Diaspora and Cultural Retention in Montreal and Toronto”. *The Portuguese in Canada: Diasporic Challenges and Adjustments*. 2nd ed. Eds. Carlos Teixeira and Victor M. P. Da Rosa. Toronto: Toronto University Press, 2009. 91–108. Print.

- Porto, Maria Bernadete. “Pátrias Imaginárias nas Poéticas das Migrações”. *Identidades em Trânsito*. Org. Maria Bernadete Porto. Niterói, RJ: UFF; Abecan, 2004. 71–96. Print.
- Rocha-Trindade, Maria Beatriz. “The Portuguese Diaspora”. *The Portuguese in Canada: Diasporic Challenges and Adjustments*. 2nd ed. Eds. Carlos Teixeira and Victor M. P. Da Rosa. Toronto: Toronto University Press, 2009. 18–41. Print.
- Tierney, Stephen. *Multiculturalism and the Canadian Constitution*. Vancouver, BC: UBC Press, 2007. Print.
- Viveiros, Fernanda. *Memória: An Anthology of Portuguese Canadian Writers*. Bellingham, WA: Fidalgo Books, 2013. Print.

Maria Tereza Amodeo possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Inglês, Português e respectivas literaturas), especialização em Literatura Infantil, mestrado e doutorado em Linguística e Letras - Teoria da Literatura - pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pós-doutorado na University of Ottawa, no Canadá. Atualmente é professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Literatura Brasileira Contemporânea e Metodologia do Ensino de Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas com foco na literatura: transculturalidade, multiculturalismo, movimentos migratórios.